AUTORRETRATO

VICTÓRIA ALMEIDA

Licenciada em Letras pela UFGD.
Em seus anos de graduação, foi petiana, pibidiana e atou no Centro Acadêmico de Letras Guimarães Rosa.
É aficcionada por literatura, artes visuais, cinema e música.
Aos 13 anos, começou a escrever suas próprias histórias e a desenhar seus personagens.
Trabalhou durante três anos com design e ilustração de capas de livros.
Atualmente, faz mestrado em literatura, pesquisando sobre obras góticas latino-americanas.

E-mail: victorialimasantosdealmeida@gmail.com

No princípio, o vazio.

Branquescência silenciosa, sem forma.

O pincel em suas mãos mergulha de ímpeto no pigmento ocre, absoluto, em contraste com o godê recém desembalado. Ela começa separando a luz das sombras, blocagem de formas ainda incertas. Logo, o solvente se assoma ao godê e mistura-se ao ocre. Tons cada vez mais claros surgem. A profundidade, assim, se fez.

Depois, uma miríade de cores se junta ao ocre e ao solvente sobre o godê: ciano, magenta, cádmo, preto, branco... elas brilham e se fundem umas com as outras, criando diversos matizes: pêssego, terracota, sálvia...

À medida que a pintora deposita as cores na tela, suas próprias mãos, roupas, sua cômoda, o reflexo no espelho à sua espreita, a colcha de retalhos sobre sua cama e o lusco-fusco em sua janela também ganham cores.

Pincelada a pincelada, ela avança dos tons mais escuros aos médios. Lá fora, o grave degradê azul, caudado por uma luminosidade roxo-avermelhada, se transforma. Uma linha quente e brilhante surge no horizonte. E cresce. Cresce. Despeja-se nas mãos da pintora.

No quadro, os pontos de iluminação fazem o retrato saltar do plano. Mais algumas camadas e o solvente diluiria pintura e realidade.

Após dar à luz às cores finais de sua obra no godê, a pintora faz uma pequena pausa. Afasta a banqueta para ganhar distância, embebeda um pedaço de tecido em solvente e limpa as mãos, ao mesmo tempo que espreita cada detalhe de seu trabalho. *E viu que era bom.*

Ela, então, volta a se aproximar do quadro. Com o pincel, recolhe do godê uma pequena porção de pigmento claro, com fundo avermelhado. Quando está prestes a depositar no quadro, se depara com ponto de incoerência. Uma pequena mancha cobalto surge na testa de seu retrato.

Estática, a pintora observa a mancha por tanto tempo que passa a enxergar seus contornos incertos mesmo de olhos fechados. Contudo, ela afasta o abalo por um momento, recria a cor tomada pela mancha e cobre-a.

De repente, tudo retorna a seu devido lugar. Ela volta a sentir a vida borbulhando dentro de si e projeta musicalidade ao mundo lá fora, ainda inabitado. Seus pulmões se enchem de ar e exalam, inundando o quarto com um vapor cálido e ebóreo.

Volveu-se ao quadro. As pinceladas, já secas, começam a se agitar sobre a tela e as formas ensaiam os primeiros movimentos. As pupilas se dilatam minimamente, alguns músculos contraem-se, as pálpebras tremulam. Lá fora, o mundo se prepara para entoar os primeiros acordes de uma ária. Ele se retorce. *E assim se f...*

Não. Silêncio.

No retrato estático, jaz a mancha novamente, muito pior e mais viva que antes. Um contrassenso! Num acesso, a artista derrama mais cores ao godê e mistura-as. Impõe a ordenação pêssego ao cobalto.

Conforme crava as pinceladas sobre a anomalia, ela percebe que as cores novas não se camuflam com as antigas. Tenta ajustar o matiz, a saturação, a luminosidade. Novas camadas, espera secar. Um fundo acinzentado deixado pelo cobalto resiste.

Ela tenta ignorar. Passa os olhos pelo retrato, examina os detalhes de perto, depois se distancia. Nada mais importa: perspectiva, composição, proporção. A mancha grita. A pintora mistura os pigmentos outra vez numa última tentativa.

No entanto, ao voltar-se para o retrato com o pincel em mãos, a artista percebe que a mancha, maior, venceu as camadas de tinta sobre ela e se expôs à superfície

da obra. Quanto mais a pintora se rebela contra a aberração, mais o matiz invasor se instala e se espalha pela tela.

Quando a mancha já havia devorado setenta porcento do retrato, pela janela a pintora vê que o sol se convertera em cobalto. Tudo é cobalto ao seu redor, incluindo ela mesma. Ela deixa a angústia engoli-la, parte por parte, membro por membro.

Enquanto sua pintura é devorada, seu corpo aos poucos deixa também de existir. A pintora torna-se amorfa, uma reles consciência gravitando no vazio. Não há mais retrato, tela, espelho, cama, janela, quarto.

No princípio, o vazio.

O vazio.

Vazio.